

N., M. Último capítulo. Jornal de Domingo, Campinas, 17
mar.1965. (Comentando)

Comentando 17-3-65

ULTIMO CAPITULO

Jornal de Campinas

M. N.

Branlio?

Chegamos, hoje ao último capítulo da pequena história do surto cinematográfico que eclodiu em Campinas, no ano de 1923. Já falamos da Phenix Filmes, de cujos estúdios e laboratórios saiu "João da Mata"; da "APA", que produziu, com técnica, mais apurada "Sofrer para gozar" e "A Carne", este com argumento inspirado, na discutida obra de Julio Ribeiro que tanto furor causou, na época com sua história que os puritanos consideravam uma "grossa imoralidade", leitura im própria para senhoras e senhorinhas... Queremos falar hoje das duas derradeiras tentativas cinematográficas ocorridas em Campinas, a CONDOR FILMS, que surgiu em 1925, sob a direção da Dardes Neto, produção de Eustáchio Dimarzio e Aladino Selmi com o mesmo Eustáchio no papel principal e mais Isa Lins e Benedito Roberto Barbosa, funcionando Thomaz de Tullio como cinegrafista. Finalmente, no mesmo ano, o último filme, produção de Antonio Russo, com Antonio Fido, Isa Lins e Benedito Roberto Barbosa, intitulado "Mocidade Louca".

Faltam maiores esclarecimentos sobre esses dois últimos films. Há quem diga que, artística e financeiramente, eles não corresponderam, dando prejuizos. Há quem diga justamente o contrário. De qualquer forma o surto cinematográfico que eclodiu em 1923 e que durou até 1925, em Campinas, está exigindo uma pesquisa mais aprofundada, com a elucidação de muitos detalhes que permanecem obscuros. O que existe sobre o assunto é muito superficial e não corresponde em absoluto, a importância extraordinária que significou, para a história do cinema no Brasil esse período que transformou a pacata Campinas de 1923 numa "espécie de Hollywood mirim, com sotaque caboclo" — segundo a expressão curiosa de um crítico — quando um grupo de homens apaixonados pela "sétima arte", desafiando a carência de recursos técnicos e artísticos, e, sobretudo, a falta de dinheiro, se entregou, com verdadeiro heroísmo, à nova indústria fundando companhias que produziram quatro films, dos quais resta apenas uma cópia fragmentada do primeiro, "João da Mata" que se encontra no acervo do Museu de Arte. O resto foi vendido, durante a guerra, para aproveitamento do celuloide.